

Resenha

ALMADA, Márcia. Das artes da pena e do pincel: caligrafia e pintura em manuscritos no século XVIII.

Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. 308 p.

*Alessandra Chaves Zen**

Os manuscritos adornados com pinturas e caligrafia, produzidos por *homens da pena e do pincel*, no século XVIII, circulavam no Brasil ainda colônia de Portugal. As maneiras de fazer de seus produtores, calígrafos e/ou pintores, e determinados aspectos de sua constituição material, conferiam distinção a esses documentos manuscritos em face dos impressos produzidos no mesmo contexto histórico e social, pois são esses documentos setecentistas – os manuscritos adornados – que constituem o objeto de estudo de Márcia Almada. Em sua investigação praticada em nível de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais resultou em *Das artes da pena e do pincel: caligrafia e pintura em manuscritos no século XVIII*, livro publicado em dezembro de 2012 pela Fino Traço.

A partir de uma escrita minuciosa sobre a temática e da reprodução e análise de 84 imagens – distribuídas em três *cadernos*, que compõem o livro –, a pesquisadora aborda as práticas de produção, a circulação e os usos desses documentos que veiculam textos e imagens, deixando por vezes transparecer o encantamento que guarda por “esses pequenos objetos – feitos de uma matéria flexível, delicada e aprazível, que unem a escrita desenhada à pintura historiada”. (p. 17).

Conforme sublinha em seu texto, são poucas as pesquisas acadêmicas que tomam os documentos adornados como objeto de estudo, seja no

* Especialista em Ensino de História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Educação pela UCS. *E-mail*: aczen@ucs.br

Brasil, seja em países europeus nos quais “o interesse maior se fixa nos livros iluminados do período medieval”. (p. 18). Mais escassas ainda são, escreve Almada, as pesquisas sobre essa temática que atentam à produção dos documentos manuscritos, foco privilegiado em sua investigação.

Para a construção de seu estudo, a pesquisadora recorre a inúmeras fontes localizadas em arquivos portugueses, espanhóis e brasileiros. E aí está um dos destaques de seu relevante trabalho de investigação: a atenção voltada à circulação dos objetos culturais estudados em terras brasileiras e também luso-hispânicas. Constituem, pois, o *corpus* da pesquisa um vasto conjunto de documentos adornados, manuais da arte da escrita e da pintura, gravuras e estudos de caligrafia sob as formas manuscrita e impressa, cadernos de pintores e calígrafos, entre outros. Contudo, o foco maior de sua atenção são os compromissos de irmandades leigas produzidos no Brasil, durante os anos Setecentos. Esses documentos adornados que comportam textos e imagens, chamados *livros de compromisso*, constituem “os estatutos que regiam irmandades, associações que assumiram uma importância indiscutível na organização da sociedade colonial”. (p. 20).

Tendo como ponto de partida a materialidade dos documentos adornados, Almada busca os aspectos técnicos, artísticos e sociais inscritos nas práticas que produziram esses documentos. Sua análise é construída a partir do olhar aproximado, que busca vestígios na materialidade dos objetos e se alarga alcançando a historicidade da produção desses documentos. Uma das contribuições de seu trabalho reside, precisamente, em “situar a produção colonial dos manuscritos adornados na história da cultura escrita da era moderna”. (p. 20).

Para as análises empreendidas, a pesquisadora se vale de metodologias próprias da história da cultura, da paleografia, da iconografia e da história da arte, sendo o estudo construído, caracteristicamente, de maneira interdisciplinar.

Das artes da pena e do pincel: caligrafia e pintura em manuscritos no século XVIII está dividido em quatro capítulos: o primeiro capítulo da obra – “Na forma do estilo: a Arte da Escrita na cultura luso-hispânica nos séculos XVII e XVIII” – comporta reflexões acerca da arte da escrita na sociedade dos anos Seiscentos e Setecentos. Os conceitos e as discussões em torno da prática da escrita, o processo de normatização

da ortografia, os usos da escrita e dos documentos adornados, os principais métodos de aprendizado da *bela letra*, o autodidatismo de alguns calígrafos, o público alcançado – ou antes, pretendido – pelos manuais de caligrafia e a forma como esses manuais foram usados pelos aprendizes também são assuntos dessa primeira seção – a mais extensa do estudo, com 40 páginas.

Em “Da tua pena, a tua vida: os profissionais da escrita na cultura hispano-luso-brasileira”, Márcia Almada escreve, essencialmente, sobre os profissionais da pena. O texto dessa seção, que constitui o segundo capítulo do livro, focaliza os campos de atuação de profissionais da escrita – amanuenses, calígrafos, copistas, escreventes, escritvães, mestres, notários, pendolistas, secretários – na sociedade setecentista, e até mesmo oitocentista, as habilidades que lhes eram necessárias para a ocupação do cargo e as possibilidades de ascensão social, facultadas por suas práticas profissionais, realizadas em âmbito institucional e/ou privado. As redes de relacionamento, as disputas profissionais, a divulgação do trabalho e as influências que exerceram destacados homens da *boa pena*, como Pedro Díaz Morante, “um dos mais famosos calígrafos espanhóis do século XVII” (p. 89), e Manoel de Andrade de Figueiredo, “a grande referência da caligrafia nos domínios portugueses” (p. 153). Ou ainda, José Baptista Lopes de Almada que não foi um calígrafo profissional, mas teve uma relevante atuação na arte da escrita, são assuntos que também fazem parte da escrita desse capítulo.

No terceiro capítulo do estudo, “*Pingerelitteras*: a letra da pena e do pincel”, Almada retoma discussões teóricas empreendidas nos séculos XVII e XVIII acerca dos métodos de ensino da escrita, mostrando ao leitor a estreita relação da letra com a pintura e o desenho, conforme concepções de teóricos daquele contexto. Ao longo desse mesmo capítulo, a pesquisadora discute sobre as diversas maneiras pelas quais os conhecimentos necessários à prática da escrita adornada eram propagados e sobre as formas como os modelos de caligrafia ornamentada foram divulgados, defendendo a ideia de que havia naquele tempo, uma circulação internacional de mostras caligráficas para escrita de manuscritos como também de imagens gravadas. A escrita sobre variadas técnicas de decoração de manuscritos e os usos que delas faziam calígrafos/pintores no Brasil colonial encerra essa seção.

Por fim, a escrita de “A imagem no manuscrito: diálogos visuais” focaliza os produtores dos documentos adornados realizados para

irmandades brasileiras no Setecentos. A constituição da cultura visual desses profissionais calígrafos/pintores e os seus modos de fazer, as práticas por meio das quais se apropriaram de modelos do além-mar que, notadamente, lhes serviram como referenciais e as modificações – uma espécie de *tradução*, uma releitura dos praticantes brasileiros, diz Almada – que implementaram ao reproduzir os modelos apropriados, constituem o quarto capítulo do livro.

Das artes da pena e do pincel: caligrafia e pintura em manuscritos do século XVIII comunica um estudo que dialoga com diversas áreas do conhecimento, logo, é um livro que interessa a muitos leitores, que potencialmente se abre para múltiplas leituras.